

As celebrações da morte na Antiguidade

Apresentação

■

Celebrar a morte é uma expressão que pode nos causar estranhamento. De modo geral, a morte na contemporaneidade vincula-se à dor, à perda, ao silenciamento, à violência urbana e às doenças. A notícia do falecimento de uma criança por câncer ou o diagnóstico da doença, provoca sentimentos de pavor, desalento e desespero em familiares e amigos. Dada as circunstâncias, seria, então, impensável vinculá-la a qualquer ato festivo. Todavia, se nos referenciarmos à cultura mexicana, verificaremos a existência de um período festivo em homenagem àqueles que já partiram. Entre 31 de outubro a 1º de novembro, os mortos recebem honras com padrões comemorativos; tal fato é claramente notado à medida em que se integram nas seguintes etapas:

1. A atividade engloba um calendário religioso, com a interrupção temporária das atividades diárias;

* Professora Associada I de História Antiga da Universidade Federal de Goiás/Brasil. Pós-doutora, com o financiamento da FAPEG/CAPE (2015-1016), junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/UNICAMP, sob a supervisão do Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari. É integrante do grupo de pesquisa Imagens da Morte: a morte e o morrer no mundo Ibero-Americano, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, bem como do grupo Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, LEIR/GO. CV: <http://lattes.cnpq.br/0630395552910286>

** Professor licenciado em História pela Universidade Nacional de Córdoba (Argentina) e doutor em História Antiga pela Universidade de Tübingen (Alemanha). Atua como professor de História Antiga na Universidade de Rioja (Argentina) e é investigador de carreira do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas de la República Argentina (CONICET). CV: <https://conicet-ar.academia.edu/Dar%C3%ADoS%C3%A1nchezVendramini/CurriculumVitae>

*** Professor Titular no Departamento de História, IFCH, Unicamp. Bolsista produtividade do CNPq. Membro dos conselhos de Encyclopaedia of Historical Archaeology, Oxford Encyclopaedia of Archaeology e Encyclopaedia of Archaeology (Academic Press), membro permanente do conselho da Union Internationale des Sciences Préhistoriques e Protohistoriques (UISPP), co-editor da Coleção Historical Archaeology in South America (University of Alabama Press). CV: <http://lattes.cnpq.br/4675987454835364>

2. A festividade está filiada a uma estrutura social de produção preparada, custeada, planejada, segundo regras e atividades efetuadas na vida cotidiana (Guarinello, 2001, p. 972. Consultar ainda: Arce, 1990; Reis, 1991; Price, 1992; Burke, 2002; Sumi, 2005; Favro, 2010, entre outros).

Nesse contexto, podemos aludir à Mixteca Alta, ao sul do México. Nesta cidade, temos, em nossa contemporaneidade, a presença de moradores, bem como um elevado número de turistas assistindo aos rituais de comemoração aos mortos. Assim, verificam-se não somente o florescimento do comércio de animais, flores e bebidas – oferendas comumente utilizadas durante a realização da festividade –, mas igualmente o aumento de hóspedes nas redes de hotelaria; dado, que por sua vez, gera outras demandas, como, por exemplo, a procura por restaurantes; situações como estas engendram o desenvolvimento econômico. Deste modo, tal como supomos, a solenidade amplia seus serviços em bens e pessoas. Torna-se a força motriz da cidade.

Em termos ritualísticos, em alguns lugares, tal como em Mixteca Alta (Reyes, 2013), a festa inicia-se nas residências, quando seus moradores sacrificam uma cabra; em seguida, as habitações são adornadas com flores e, em um altar, colocam-se alimentos, ajustados aos retratos de seus mortos e às imagens religiosas. O oferecimento de tais alimentos, contudo, obedece a um ciclo temporal: ao longo da manhã, são oferecidos pães e café; à tarde, os residentes entregam comida, frutas, refrescos e cervejas e, à noite, brindam os seus mortos com pães, café e recitações. No último dia do evento, os familiares dos mortos seguem até o cemitério e depositam nas sepulturas cervejas, flores e pedras. É importante mencionar que se organizam também banquetes com a entoação de cânticos e, ao final, temos a Viko Kuchaku – a festa dos vivos – que é a realização de um baile, adentrando na madrugada (Reyes, 2013, p. 33. Consultar ainda as páginas de 29 a 32).

Ao associarmos a morte à festa,¹ defrontamo-nos igualmente com rituais festivos no Mediterrâneo romano. Assim como concebemos, a presença das performances nos cortejos fúnebres,² os elementos móveis e imóveis das sepulturas³ e a própria festividade aos mortos – Parentalia (Dolansky, 2011; Omena & Funari, 2017b, entre outros mais), Rosalia, Violaria e dies natalis (Beltrão, 2016; Scheid, 2011) – sinalizam características coloridas e jocosas imprescindíveis ao simbolismo da morte na sociedade romana. Portanto, como produto social, as celebrações exprimem conflitos, tensões, censuras e estruturas de poder, tais como os cerimoniais funerários que, vinculados ao poder, fomentavam ações idealizadora dos mortos, celebravam a memória dos familiares e, em função disto, promoviam distribuições de dinheiro, alimentos, bebidas; viabilizavam também espetáculos gladiatoriais que, juntos, produziam imagens de generosidade da aristocracia. Nesse sentido, entendemos que os cortejos fúnebres,

¹ É importante destacar que a ideia da morte como uma festa aparece nos estudos de João José Reis (1991).

² Podemos mencionar os lamentos femininos, a assiduidade de mímicos, músicos, clientes, escravos, amigos e familiares, o discurso no *rostrum*, entre outros (Arce, 1990; Favro, 2010; Noy, 2011; Johanson, 2011; Omena & Funari, 2016; Omena & Funari, 2017a; entre outros).

³ No que se refere ao mobiliário móvel e imóvel, referimo-nos às ânforas, aos sarcófagos, às guirlandas e às coroas de flores, às cabeças de medusas, aos relevos, às estelas, aos altares, aos afrescos, incluindo, deste modo, representações de flores, pássaros, narrativas míticas (Feraudi-Gruénais, 2015) e mosaicos com motivos geométricos, flores e pássaros, etc.

ainda em nome dos mortos, tornam-se dispositivos de poder, uma vez que as obrigações sociais do luto, o cuidado com o corpo, a procissão de máscaras da família, os mandata, a realização de banquetes e os munera convertiam-se em práticas sociais. Em outras palavras, as atividades, como as doações, contribuíam mais para produção de memória social do que para uma atividade de preservação da memória individual. Eventos tais como os Parentalia⁴ focavam os ancestrais; no entanto, direcionavam-se mais ao presente que ao passado (Hope, 2003, p. 117).

Assim, ao falarmos em celebração da morte na Antiguidade romana, tema deste dossiê, percebemos o quão festivos representavam os rituais mortuários: as cores nos edifícios funerários, a musicalidade nos cortejos fúnebres e nos cortejos dos Parentalia, a presença de alimentos, vinhos, flores e a comparência de toda a comunidade entoando cânticos aos mortos. Neste cenário, convidamos o legente à leitura do artigo "Imagens contrastantes da morte nos Carmina de Horácio". Nele, Cláudia Beltrão analisa a associação da morte aos dispositivos políticos-religiosos nos Carmina, de Horácio (65-8 a.C.). A autora propõe a existência de distintas imagens da morte e do *post mortem* nos poemas cantados; entre eles, a mortalidade humana, bem como a ação virtuosa de alguns indivíduos, como Augusto, que venceram a finitude da vida, tornando-os, deste modo, imortais. Nesta mesma linha, Thiago Eustáquio Araújo Mota, em "Os funerais heroicos e a celebração dos mortos na Eneida de Virgílio: uma abordagem das práticas mortuárias na Antiguidade romana", apresenta discussões profícuas acerca dos rituais funerários e suas implicações religiosas, como os riscos de poluição para a sociedade augustana. É interessante mencionarmos ainda que Luciane Munhoz de Omena e Erick Messias Costa Otto Gomes, em "Materialidade e comemoração da morte no Principado romano: uma leitura dos funera de Druso e Germânico em Tácito (séculos I-II d.C.)", propõem análises sobre o caráter festivo dos rituais fúnebres da sociedade romana presentes nos edifícios funerários, assim como também nos cortejos fúnebres de Druso e Germânico, representados na narrativa de Tácito. Levando-se em consideração o diálogo entre materialidade e escrita, os autores indicam que os funerais e todo o aparato performático transformam-se em espetáculos de poder, uma vez que os cerimoniais posicionam o morto na estrutura de poder e sua posição nas gerações da família. Ademais, ainda em uma esfera político-religiosa, conectada à produção de memória social, Renata Senna Garraffoni, em "Memória, poder e religiosidade nas arenas romanas no início do Principado", analisa o termo munus funebre e, assim, discute a organização dos munera no cotidiano, inclusive aborda os debates sobre violência e religiosidade em relevos funerários e armas gladiatoriais. Nesta esteira da cultura material, Renato Pinto, em "Os crânios do cemitério do Vale Superior do Walbrook: tafonomia e ritos", oferece uma instigante leitura. No artigo, o pesquisador produz reflexões críticas sobre os crânios encontrados na necrópole do Vale Superior do Walbroo. Os mesmos possuem datações complexas, pois, como informa Renato Pinto, o sistema ritualístico dos bretões teria continuado à época romana. Havia, neles, uma

⁴ Podem-se consultar os seguintes documentos em relação aos Parentalia: Fasti de Ovídio ou Parentalia de Ausônio e também a epigrafia sepulcral presente no Corpus Inscriptionum Latinarum. As referências são: OVÍDIO. Fasti. Translation SIR JAMES GEORGE FRAZER. London: LOEB, 1989; AUSONIUS. Parentalia (vol. I). Translation Hugh G. E. White. London: LOEB, 1911; quanto ao Corpus Inscriptionum Latinarum pode ser consultado no seguinte site: http://cil.bbaw.de/cil_en/dateien/cil_baende.html.

especificidade: crânios estavam desmembrados. Logo, o autor dedica-se a discutir as hipóteses dos rituais de desmembramentos associados à “caça à cabeça” e decapitações; juntamente com a análise de prova forense, que indicou a erosão das sepulturas e o deslocamento de restos humanos pelas correntes de água, o que resultaria no processo de deposição. Por fim, remetemo-nos à relevante pesquisa sobre o suicídio em “La Construcción social de la propia muerte. El suicidio y el habitus aristocrático de la elite del Alto Imperio Romano: una reflexión a partir de ejemplos de Plinio el Joven y Tácito”. Darío N. Sánchez Vendramini, tendo como suporte documental Tácito (56–117 d. C.) e Plínio (61-114 d. C.), investiga a morte voluntária. Para o autor, o suicídio representaria uma prática social, um modelo influenciado pela filosofia estoica, que, segundo Sánchez, corresponderia ao habitus da elite senatorial e equestre do Alto império.

Sem mais delongas, convidamos, então, o leitor a contemplar e, por que não, se inspirar em porvindouras perscrutações acerca da celebração da morte na Antiguidade.

Referências Bibliográficas

ARCE, Javier. *Funus Imperatorum: Los Funerales de los Emperadores Romanos*. Madrid: Alianza, 1990. 199p.

BELTRÃO, Cláudia. Monimenta mortuorum: memória e religião em dois monumentos ciceronianos. In: OMENA, Luciane M. de e FUNARI, Pedro Paulo A. *Práticas funerárias no Mediterrâneo romano*. Jundiaí, SP: Paco, p. 47-68, 2016.

BURKE, P. O carnaval de Veneza. In: CUNHA, M. C. P. (org.). *Carnavais e outras F(r)estas*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 27-39, 2002.

CARROL, Maureen. *Roman funerary commemoration in western*. Oxford: Oxford University Press, 2006. 352p.

DOLANSKY, Fanny. Honouring the family dead on the Parentalia: ceremony, spectacle, and memory. *Phoenix*, v. 65, n. 1-2, p. 125-157, 2011.

FAVRO, Diane. Death in Motion. Funeral Processions in the Roman Forum. *Journal of the Society of Architectural Historians*, v. 69, n. 1, p. 12-37, March 2010.

FERAUDI-GRUÉNAIS, Francisca. The decoration of Roman tombs. In: BORG, Barbara. *A Companion to Roman Art*. Oxford: John Wiley & Sons, Ltd. p. 432-451, 2015.

GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris. (orgs.). *Festa, Cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Edusp, p. 969-975, 2001.

HALES, Shelley. The house and the construction of memory. In: HALES, Shelley. *The Roman house and social identity*. Cambridge: University Press Cambridge, p. 40-60, 2009.

HOPE, Valerie M. Remembering Rome. Memory, funerary monuments and the Roman soldier. In: WILLIAMS, H. *Archaeologies of remembrance. Death and memory in past societies*. New

York: Kluwer Academic, p. 113-140, 2003.

_____. Living without the dead: finding solace in Ancient Rome. In: TAPPENDEN, Frederick S. & HUGHES, Carly Daniel. *Coming back to life*. The permeability of past and present, mortality and immortality, death and life in the Ancient Mediterranean. Montreal: McGill University Library and Archives, p. 39-70, 2017.

JOHANSON, Christopher. A Walk with the Dead: A Funerary Cityscape of Ancient Rome. In: RAWSON, Beryl. *A Companion to Families in the Greek and Roman Worlds*. Oxford: Library of Congress, p. 408-430, 2011.

NOY, David. Goodbye Livia's: dying in the roman home. In: HOPE, Valerie M.; HUSKINSON, Janet (orgs.). *Memory and Mourning: Studies on Roman Death*. Oxford: Oxbow Books, p. 01-20, 2011.

OMENA, Luciane Munhoz de e FUNARI, Pedro P. A. _____. O ridículo de um funeral: a simbologia da morte na sátira Apocolocyntosis de Sêneca. In: OMENA, Luciane M.; FUNARI, Pedro P. A. *Experiências sociais da morte: diálogos interdisciplinares*. Jundiaí, SP: Paco, p. 33-51, 2017a.

_____. O fio da memória: o condutor dos mortos nos parentalia. In: BORGES, Airan & SOUTELO, Raquel. *Escrito para a eternidade: epigrafia e os estudos para a Antiguidade*. Curitiba: Appris, 2017b.

PRICE, Simon. From Noble Funerals to Divine Cult: the Consacration of Roman Emperors. In: CANNADINE, David & PRICE, Simon (eds.). *Rituals of Royalty: Power and Ceremonial in Traditional Societies*. Cambridge: University Press, p. 56-105, 1992.

REIS, João José. *A morte é uma festa*. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 357p.

REYES, Héctor Adrián García. Viko Ndiyi: la fiesta de los muertos. Señales, reencuentros y ofrendas rituales entre los mixtecos, *Vita Brevis – Revista Electrónica de Estudios de la Muerte*, año 02, núm. 03, Enero-Diciembre, p. 23-34, 2013.

SCHEID, J. *Quand faire c'est croire*. Les rites sacrificiels des romains. Paris: Aubier, 2011. 352p.

SUMI, G. S. *Ceremony and Power*. Performing Politics in Rome between Republic and Empire. Michigan: The University of Michigan Press, 2005. 378p